

LINGUAGEM, LEITURA E ESCRITA EM VIGOTSKI: UMA ANÁLISE ONTO-HISTÓRICA

Eixo: Por uma leitura marxista da Psicologia Histórico-cultural

Maurilene do Carmo¹

Jackline Rabelo²

Susana Jimenez³

RESUMO

A questão da linguagem se apresenta na história da ciência como um ponto nuclear que orienta o trabalho de diferentes campos de investigação, a exemplo da lingüística, sócio-lingüística, psicologia, educação. Na interface entre estas últimas, destacamos na perspectiva ontológica o tratamento conferido por Vigotski à linguagem – inteligente e conceitual - perfazendo toda a complexidade que envolve seu desenvolvimento, enquanto uma função psicológica superior que tem uma indissolúvel relação com os processos de compreensão envolvidos nas atividades de leitura e escrita. Neste sentido, torna-se basilar na nossa reflexão reconstruirmos todo o caminho percorrido por Vigotski na busca do desvelamento do evoluir da linguagem na história dos indivíduos e da própria humanidade, buscando estabelecer os elos desse ato sumamente complexo com o domínio pleno, eficaz e consciente que cada indivíduo em particular deveria expressar com os processos igualmente intrincados da leitura e escrita.

Palavras-chave: Vigotski - ontologia – linguagem – leitura e escrita

RESUMEN

La cuestión de lenguaje se presenta en la historia de la ciencia como un punto central que guía el trabajo de distintos campos de investigación, como la lingüística, la sociolingüística, la psicología, la educación. En la interfaz entre estas últimas, realzamos en la perspectiva ontológica el sentido que Vigotski atribuye al lenguaje – inteligente y conceptual – examinando toda la complejidad que envuelve su desarrollo como una función psicológica superior que tiene una indisoluble relación con los procesos de comprensión involucrados en las actividades de lectura y escrita. En este sentido, se torna fundamental en nuestra reflexión entender como Vigotski pensó para revelar la evolución del lenguaje en la historia de los individuos y de la propia humanidad,

¹ Professora da UFPB. Pesquisadora do IMO/UECE.

² Professora da Faced – UFC. Pesquisadora do IMO/UEC.

³ Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFC. Diretora emérita do IMO/UEC.

buscando establecer los nexos de ese acto complejo articulado con el dominio pleno, eficaz y conciente que cada individuo en particular debería expresar con los procesos de lectura y escrita.

Palabras llaves: Vigotski - ontología – lenguaje – lectura y escrita

Nas três últimas décadas tem ocupado lugar de destaque entre as temáticas referentes ao ensino da língua, os estudos que buscam dar conta do processo de aquisição da leitura e escrita. Nesse campo, em especial, ganham proeminência as investigações realizadas por Ferreiro e Teberoski, baseadas num trabalho experimental realizado em Buenos Aires entre os anos de 1974 e 1976, consignadas na obra *Psicogênese da Língua Escrita*.

Esse estudo, assim como outros que tratam do assunto, emerge no contexto pós 1960, impactado pela psicolinguística contemporânea, mais precisamente pelas descobertas linguísticas da teoria de Noam Chomsky que passa a reservar um lugar central e privilegiado ao componente sintático, considerando que até então a maior parte dos estudos sobre a língua apoiavam-se predominantemente na sua estrutura lexical.

Nesse contexto, a psicolinguística contemporânea vai possibilitar uma revisão das idéias até então vigentes acerca da aprendizagem da língua – leitura e escrita. No rol dos estudiosos que se debruçaram sobre a questão podemos citar Goodman, Smith, Chomsky, Lavine, Lemle, Cagliari, dentre outros.

No entanto, os estudos de Ferreiro e Teberosky despertaram a atenção dos professores por promover o que Weisz (1999) chama de “revolução conceitual na alfabetização”, acrescentando ainda, que as autoras promoveram uma “mudança na compreensão do processo pelo qual se aprende a ler e a escrever que afetou todo o ensino da língua” (idem, p. ix), em outras palavras criaram uma didática que no Brasil e em outros países passaram a integrar a própria política educacional.

[...] Esta didática da língua – que trouxe os textos do mundo para dentro da escola e se preocupa em aproximar as práticas de ensino da língua das práticas de leitura e escrita reais – é a que vem sendo difundida pelo Ministério da Educação nos Parâmetros e Referências Curriculares da Educação Básica (WEISZ, 1999, p. ix).

No entanto, é preciso ainda dizer que a distinção entre os trabalhos de Ferreiro e Teberosky dos demais, consiste em afirmar que o *sujeito cognoscente* está também presente na aprendizagem da leitura e da escrita. Tal proposição, tributária da teoria de Piaget, indica que o “sujeito aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo é que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza seu mundo” (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 29). O pressuposto de apoiar-se na teoria piagetiana para explicar como a criança aprende ler e escrever constitui a originalidade dos estudos das autoras, uma vez que as mesmas afirmam terem sido as primeiras a vincular a aprendizagem da leitura e escrita à “perspectiva do desenvolvimento cognitivo, tal como é visto na teoria de inteligência de Piaget” (idem, p. 28).

No caminho de aquisição da leitura e escrita, melhor dizendo, num momento anterior à efetivação desses processos, ocorrem outros de fundamental importância para o êxito da *lectoescrita*. E um deles, em especial, merece nossa atenção: a linguagem.

A reflexão sobre este complexo já comparecia nos estudos realizados pelas autoras, o que pode ser confirmado em sua afirmação de que:

Para alcançar uma escrita – histórica e individualmente – não bastaria possuir uma linguagem; seria preciso, além disso, **certo grau de reflexão sobre a linguagem**, o qual permita tomar consciência de algumas de **suas propriedades fundamentais** (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 294 – grifos nosso).

Podemos afirmar também que muitos anos antes da sistematização da psicogênese da língua escrita, Piaget e Vigotski, cada um a seu modo e respeitando seus aportes teóricos, já haviam levado a termo uma reflexão pormenorizada a respeito da linguagem, mais particularmente acerca da relação entre esta e o pensamento.

Destacamos ainda que o grupo de psicólogos soviéticos liderados por Vigotski foi mais além, realizando, ainda na década de 1920, uma pesquisa conduzida por Luria que tinha como objetivo compreender o desenvolvimento da escrita em crianças pré-escolares. Referida pesquisa, com propósitos afins aos das pesquisas realizadas por Ferreiro e Teberosky, chega ao conhecimento das mesmas somente na finalização dos trabalhos das autoras, tanto que estas concluem a *Psicogênese da Língua Escrita* com as seguintes palavras: “ao finalizar nosso

trabalho, descobrimos que estávamos fazendo, sem saber, o que Vygotsky tinha claramente assinalado há décadas” (1999, p. 36). No caso, o autor russo buscava realizar uma

[...] investigação científica [...] da pré-história da linguagem escrita na criança, mostrando o que é que conduz à escrita, quais são os pontos importantes por que passa este desenvolvimento pré-histórico, e qual a relação entre processo e a aprendizagem escolar. (VIGOTSKI ET AL, 2001, p. 134).

No entanto, como as pesquisas da psicologia histórico-cultural ficaram obliteradas pela censura stalinista em todo o mundo, somente décadas depois é que a produção desse conhecimento, pouco a pouco, vai ser divulgada.

O fato é que as pesquisas que trazem à baila o problema da aprendizagem da leitura e escrita, particularmente no que diz respeito ao Brasil, são aquelas realizadas e divulgadas por Ferreira e Teberosky, abrindo, conforme destaca Weisz (1999, p. x), “um campo de pesquisa, tanto no que se refere à aprendizagem dos inúmeros aspectos da língua que ultrapassam a questão da escrita alfabética quanto dos outros conteúdos escolares”. Por isso, a necessidade de apresentarmos, mesmo que de modo sumário, aspectos das pesquisas das autoras como condição de justificar a necessidade indicada por estas de compreendermos um objeto fundamental para eficácia da *lectoescrita*, a linguagem, categoria que elegemos para nosso estudo.

Assim, reafirmamos a importância de compreendermos como se dá a apropriação e o desenvolvimento da linguagem nos indivíduos, considerando a interferência indiscutível desse processo na aprendizagem da leitura e escrita. Para tanto, decidimos estudar a linguagem a partir das elaborações de um teórico específico, alvo de nossas investigações, Lev Semenovitch Vigotski.

Entendemos que uma investigação sobre a categoria linguagem em Vigotski e suas articulações com a aprendizagem da leitura e escrita deve ter como ponto de partida a última obra publicada em vida deste autor, *Pensamento e Linguagem*, a qual condensa, de acordo com Baquero (1996), o resultado de quase dez anos ininterruptos de trabalho deste e de seus colaboradores na investigação sobre o pensamento e a linguagem.

Desse modo, iniciar por *Pensamento e Linguagem* consiste num passo importante para compreendermos que a palavra que a criança busca se apropriar no plano da leitura e da escrita

carrega em si, conforme as indicações do psicólogo soviético, a síntese que condensa a relação entre o pensamento e a linguagem.

Para chegar a essa conclusão Vigotski inicia seu estudo sobre o pensamento e a linguagem, como lhe é peculiar, pondo em revista as análises predominantes sobre o tema para, em seguida, denunciar a perspectiva atomística e funcional que imperava no campo da psicologia, deixando de lado a relação interfuncional entre aqueles dois complexos, bem como sua organização numa estrutura integral da consciência.

Para Vigotski, toda a história dos trabalhos que condensam o tema pensamento e linguagem na psicologia científica resume-se em duas perspectivas antagônicas, que se refletem entre “a plena identificação e a plena fusão do pensamento com a palavra, e entre sua plena separação e dissociação igualmente metafísica e absoluta” (2001, p. 2).

A perspectiva que opera a plena identificação entre o pensamento e a palavra assevera que o pensamento é linguagem menos som, concepção defendida desde a antiguidade até os psicólogos e reflexólogos americanos, contemporâneos de Vigotski. A perspectiva que defende a dissociação entre pensamento e linguagem compreende a linguagem como a “veste” do pensamento, a exemplo dos teóricos da Escola de Würzburg que, por sua vez, “tenta libertar o pensamento de tudo o que ele tem de sensorial, inclusive da palavra, e conceber a relação entre pensamento e palavra como um vínculo puramente externo [...]” (idem, 2001, p. 03).

Vigotski entendia que as perspectivas existentes que procuram dar conta da questão repousam, invariavelmente, sobre a questão do método, que, por essa prerrogativa, pode assumir duas formas basicamente distintas, “uma das quais, a nosso ver, responde por todos os fracassos sofridos pelos pesquisadores ao tentarem resolver essa questão multissecular, cabendo à outra, ser o único ponto inicial e verdadeiro de onde se pode dar ao menos o primeiro passo no sentido da sua solução” (ibidem, p. 05).

O método de análise psicológica ao qual Vigotski atribui todos os fracassos é denominado de “decomposição das totalidades psicológicas complexas em elementos”. A respeito desse método, Vigotski (2001, p. 78) afirma que o mesmo realiza “um desmembramento na verdadeira acepção da palavra”, passando ao largo do que seria, no seu entendimento, uma análise verídica. Esta pseudo-análise, se assim podemos denominá-la, redundaria em “profundos equívocos ao ignorar o momento de unidade e integridade do processo em estudo e ao substituir as relações

internas de unidade pelas relações mecânicas externas de dois processos heterogêneos e estranhos entre si” (idem, 2001, p. 7).

Ainda como limite do método da “decomposição das totalidades psicológicas complexas em elementos”, Vigotski aponta a separação operada entre a função comunicativa e a função intelectual da linguagem, supondo que as mesmas “fossem paralelas e independentes uma da outra” (ibidem, p. 11). No entanto, em direção contrária, o autor nos diz que o significado se materializa na unidade dessas duas funções – comunicação e pensamento – que ocorre num determinado estágio do desenvolvimento filogenético e ontogenético.

Prosseguindo, a outra análise referida por Vigotski como “análise que decompõe em unidades a totalidade complexa, difere-se da anterior, porque a “unidade”, contrariamente ao “elemento” do método anterior, é entendida como algo que “possui todas as propriedades que são inerentes ao todo e, concomitantemente, são partes vivas e indecomponíveis dessa unidade” (ibidem, p. 8).

Para Vigotski, essa unidade seria o significado, que teria passado ao largo de qualquer análise por parte das diferentes correntes da psicologia, figurando, conforme suas palavras, como a “outra face da lua”. Ainda sobre a questão, acrescenta que,

O significado da palavra dissolveu-se tanto no mar de todas as demais concepções da nossa consciência ou de todos os demais atos do nosso pensamento quanto o som, dissociado do significado, dissolveu-se no mar de todos os outros sons existentes na natureza (ibidem, p. 9).

Nesse contexto, Vigotski se propõe a tratar, através de um estudo experimental e de uma análise teórica, a questão da relação entre o pensamento e a linguagem que teria, no seu entendimento, como unidade de análise, a categoria significado.

Nesse preciso sentido, o significado para Vigotski comportaria uma síntese entre pensamento e linguagem, pois, na sua compreensão, o significado “pertence ao reino da linguagem tanto quanto do pensamento” (2001, p. 10), mas não seria apenas isso, o significado condensaria ainda a “unidade da generalização e da comunicação, da comunicação e do pensamento”, acrescentando, ademais, que “as relações entre pensamento e palavra e generalização e comunicação devem ser a questão central a cuja solução dedicamos nossas pesquisas” (idem, p. 14).

Avançando na perspectiva de desvelar as relações entre pensamento e palavra e generalização e comunicação, Vigotski traça um programa de pesquisa para responder a questão, que se configura, conforme o próprio autor, da seguinte forma:

Tomamos como ponto de partida **o estudo crítico da teoria do pensamento e da linguagem** [...]. A segunda parte da nossa investigação visa a uma **análise teórica dos dados principais sobre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem nos planos filogenético e ontogenético** [...] na parte conclusiva, procuramos, analisar, com base em **investigações teóricas e experimentais** a estrutura e o **funcionamento de todo o processo do pensamento verbalizado** (2001, p. 18 – grifos nossos).

Como podemos constatar a linguagem ultrapassa todo o projeto investigativo de Vigotski dada a sua complexa natureza e sua importância na articulação dos processos conscientes do sujeito, somente possíveis a partir do entrecruzamento entre pensamento e linguagem permitindo, por essa prerrogativa, significarmos através da palavra todo o entorno que envolve nossa existência.

Nessa perspectiva, é oportuno destacar que Vigotski deixa explícito em sua obra a compreensão do trabalho como momento fundante do mundo dos homens, atestando assim, a vinculação desta categoria ontológica ao seu complexo categorial, incluída a linguagem.

A comunicação estabelecida com base em compreensão racional e na intenção de transmitir idéias e vivências exige necessariamente um sistema de meios cujo protótipo foi, é e continuará sendo a linguagem humana, que surgiu da necessidade de comunicação **no processo de trabalho** (VIGOTSKI, 2001, p. 11 – grifos nossos).

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas caracteristicamente humanas de comportamento produz, mais tarde, o intelecto, e constitui a **base do trabalho** produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos. (VIGOTSKI, 2003, p. 33 – grifos nossos).

A categoria – trabalho – orientadora das investigações vigotskianas, assume na obra deste autor lugar de destaque, uma vez que, Vigotski compreende ser esta, o elemento potencializador da emergência e do desenvolvimento autônomo dos outros complexos integrantes da práxis social, entre eles a linguagem, a educação, a escrita, a leitura etc.

Vigotski depreende de Marx o método que decompõe em unidades a totalidade complexa na sua justa acepção: ou seja, como um método que tem por fundamento, a dimensão ontológica, priorizando a totalidade complexa do ser e, com esta, articulando o movimento igualmente complexo de suas partes (vivas).

Perseguindo o onto-método em Marx, Vigotski quando, no estudo da relação entre o pensamento e a linguagem, elege a palavra como essa totalidade complexa.

Achamos que um momento decisivo em toda a teoria do pensamento e da linguagem foi a substituição dessa análise por outro tipo de análise. Esta pode ser qualificada como análise que decompõe em unidade a totalidade complexa [...] Que unidade é essa que [...] contém propriedades inerentes ao pensamento verbalizado como uma unidade? Achamos que essa unidade pode ser encontrada [...] na palavra: *no seu significado*. (VIGOTSKI, 2001, p. 8).

Nesse caminho, o teórico soviético fundamentado nos seus estudos sobre o pensamento e a linguagem reafirma reiterada vezes que não existe “nenhuma relação e dependência definitiva entre as raízes genéticas do pensamento e da palavra” (2001, p. 395), postulando que dadas relações “surtem e se constituem unicamente no processo do desenvolvimento histórico da consciência humana, sendo, elas próprias, um produto e não uma premissa da formação do homem” (VIGOTSKI, 2001, p. 395). Porém, Vigotski adverte que a ausência de um vínculo primário entre o pensamento e a palavra não significa que esse vínculo só possa existir “entre dois tipos essencialmente heterogêneos de atividade da nossa consciência” (2001, p. 396).

A posição de Vigotski diante da elucidação das relações entre pensamento e linguagem, o faz adotar o método que decompõe em unidade a totalidade complexa, ressaltando que essa unidade é representada pelo “significado da palavra que reflete da forma mais simples a unidade do pensamento e da palavra” (2001, p. 398).

Um elemento importante da investigação de Vigotski acerca dos significados é a descoberta de que estes evoluem, superando “o postulado da constância e da imutabilidade do significado da palavra, que servira de base a todas as teorias anteriores do pensamento e da linguagem” (2001, p. 399).

Para demarcar essa posição, Vigotski reúne, de acordo com suas próprias palavras, “um apanhado crítico das principais correntes modernas do pensamento e da linguagem” (p. 407), afirmando que nenhuma dessas correntes consegue captar a natureza psicológica da palavra, assim como, consideram a palavra e o significado fora do desenvolvimento.

Avançando, o próximo passo de Vigotski é a análise do processo de funcionamento dos significados no curso vivo do pensamento verbal. Nessa perspectiva, entende que as questões funcionais se resolvem mais facilmente “quando o estudo opera com formas superiores desenvolvidas de algum tipo de atividade” (2001, p. 409). Por essa razão, passa para o estudo das relações do pensamento e da palavra na consciência desenvolvida.

Vigotski deixa muito claro que toda a sua investigação gira em torno de discriminar os vários planos pelos quais passa o pensamento até se materializar nas palavras, e inicia apresentando os dois planos da linguagem: o aspecto semântico interior da linguagem e o aspecto físico e sonoro exterior, destacando que, embora esses dois planos formem uma unidade autêntica, cada um possui suas próprias leis de desenvolvimento, considerando que “a unidade da linguagem é uma unidade complexa e não homogênea” (VIGOTSKI, 2001, p. 410).

Segundo Vigotski, o desenvolvimento dos referidos planos efetiva-se em sentidos opostos, “o aspecto semântico transcorre em seu desenvolvimento do todo para a parte, da oração para a palavra, ao passo que o aspecto externo transcorre da parte para o todo, da palavra para a oração” (2001, p. 411).

Cabe explicitar, de acordo com Vigotski, que, para a criança, os aspectos sonoro e semântico da palavra ainda são “uma unidade imediata, não diferenciada nem conscientizada” (2001, p. 419), valendo ressaltar que, no desenvolvimento da criança, essa unidade começa a diferenciar-se e entrar num processo de conscientização.

Vigotski nos diz que essa diferenciação dos dois planos da palavra, que cresce com o passar dos anos, caminha por uma via do desenvolvimento do pensamento que vai da transformação da sintaxe dos significados em sintaxe das palavras. Esse movimento, de acordo com o autor, nos exige uma compreensão do plano interno da linguagem, que figura como “o problema [...] mais confuso entre todos os problemas relativos ao estudo do pensamento e da linguagem” (2001, p. 422).

Vigotski explicita que, sem a compreensão da linguagem interior, não poderemos conceber a relação entre o pensamento e a palavra e que até o momento da realização da sua investigação nenhum autor fez “uma única exposição com um mínimo de sistematicidade nem sequer de simples dados factuais sobre a natureza da linguagem interior” (VIGOTSKI, 2001, p. 422).

A propósito da linguagem interior, Vigotski aponta a condição desta de ser uma das “áreas mais difícil de investigação da psicologia” (2001, p. 425), por essa condição, a questão do método se impõe para o teórico soviético como algo da mais extrema importância para o processo investigatório. Em suas palavras, “a descoberta do método adequado de investigação da linguagem interior fez, efetivamente, toda a questão sair do ponto morto. Por essa razão, abordaremos o método em primeiro lugar” (VIGOTSKI, 2001, p. 426).

Nessa perspectiva, Vigotski entende que a linguagem egocêntrica é a chave para a investigação da linguagem interior. Esse entendimento permitiu o estudo experimental desta forma de linguagem, isto porque ela seria “uma linguagem ainda vocalizada, sonora, isto é, uma linguagem exterior pelo modo de sua manifestação e, ao mesmo tempo, uma linguagem interior por suas funções e estrutura” (2001, p. 427), e, “por este motivo [...] o estudo da linguagem egocêntrica é [...] o método fundamental de estudo da linguagem interior” (VIGOTSKI, 2001, p. 427).

Sobre o destino da linguagem egocêntrica, Vigotski afirma que “suas peculiaridades não se extinguem nem se atenuam, não se reduzem a zero nem involuem, mas se intensificam e crescem, evoluem com o desenvolvimento da criança, de sorte que o seu desenvolvimento [...] segue por uma linha ascendente e não descendente” (VIGOTSKI, 2001, p. 430).

Avançando no estudo da linguagem interior, através da linguagem egocêntrica, Vigotski assevera como peculiaridade primeira e fundamental da linguagem interior a sua sintaxe absolutamente específica expressa na sua aparente fragmentação e abreviamento em comparação a linguagem exterior, expressa conforme sua afirmação na “na tendência para uma sintaxe predicativa” (2001, p. 447)

Sobre a tendência para uma sintaxe predicativa da linguagem interior, Vigotski apresenta algumas características como a simplicidade da sintaxe, o enunciado do pensamento em forma de condensação e o número consideravelmente menor de palavras, o que o leva a comparar a linguagem interior com a linguagem escrita e falada.

Procuremos agora demonstrar como Vigotski define as linguagens escrita, falada e interior. Iniciando pela linguagem escrita, o psicólogo soviético, enuncia que esta, assim como também a linguagem interior, são formas monológicas de linguagem. De acordo com Vigotski, no caso específico da linguagem escrita, estão excluídos dois elementos presentes nas outras

linguagens citadas e que facilitam a abreviação da linguagem – o conhecimento do sujeito e a transmissão imediata do pensamento através da entonação.

Para este (2001, p. 457), na linguagem escrita, “faltam antecipadamente a situação clara para ambos os interlocutores e qualquer possibilidade de entonação expressiva, mímica e gestos”, ou seja, na linguagem escrita precisamos, “empregar bem mais palavras que na linguagem oral para exprimir um mesmo pensamento. Por isso a linguagem escrita é a forma de linguagem mais prolixa, exata e desenvolvida”. (VIGOTSKI, 2001, p. 456).

Já a linguagem falada, segundo Vigotski, é dialógica na maioria dos casos, lembrando que o diálogo conforme o autor, “pressupõe que os interlocutores conheçam o assunto que, como vimos, permite uma série de abreviações na linguagem falada e, em determinadas situações, cria juízos puramente predicativos”. Na linguagem falada, diz ainda Vigotski, “surgem elisões e abreviações quando o sujeito da enunciação é antecipadamente conhecido pelos interlocutores” (2001, p. 459). E mais, a linguagem falada ocuparia uma posição intermediária entre a linguagem escrita e interior e está, desde o início, ligada à consciência e à intencionalidade.

Porém o que se verifica apenas como tendência na linguagem falada, manifesta-se de modo absoluto na linguagem interior. Como exemplo, podemos citar a predicatividade, uma vez que essa peculiaridade aparece na sua forma inteiramente pura na linguagem interior, como podemos comprovar através das afirmações de Vigotski.

Mas aquilo que, nesses casos, se verifica na linguagem falada como uma tendência mais ou menos vaga manifesta-se na linguagem interior em sua forma absoluta, levada ao limite como simplificação sintática extrema, como condensação absoluta do pensamento, como estrutura sintática absolutamente nova que, em termos rigorosos, não é outra coisa senão a plena erradicação da sintaxe falada e a construção puramente predicativa das orações (VIGOTSKI, 2001, p. 461)

Explicitam-se, com base nas investigações de Vigotski, duas fontes donde decorre a abreviação da linguagem interior – a predicatividade e a redução do seu aspecto fásico. E ainda uma terceira fonte, que gravita, de acordo com o autor, em torno das peculiaridades básicas da semântica da linguagem interior, consignadas através do predomínio do sentido da palavra sobre o seu significado, aglutinação de significados e influência do sentido. Estas três peculiaridades básicas estão interiormente ligadas e constroem a originalidade básica do aspecto semântico da linguagem interior.

As peculiaridades da linguagem interior que puderam ser estudadas experimentalmente através da investigação sobre a linguagem egocêntrica autorizam-nos a apresentar a seguinte definição esboçada por Vigotski para caracterizar a referida linguagem.

[...] a linguagem interior é uma função absolutamente específica, independente, autônoma e original da linguagem. Estamos perante uma linguagem que se distingue totalmente da linguagem exterior. Por isto estamos autorizados a considerá-la um plano interior específico de pensamento verbal, que medeia a relação dinâmica entre pensamento e palavra (2001, p. 473).

Nesse processo de investigação da linguagem interior, é oportuno destacar a linguagem exterior considerando, que, de acordo com Vigotski, a gênese daquela estaria situada entre as linguagens egocêntrica e exterior. Nesses termos, a definição formulada por Vigotski à linguagem exterior a caracteriza como, “a materialização e a objetivação do pensamento”, ou seja, “um processo de transformação do pensamento em palavras” (VIGOTSKI, 2001, p. 474).

Essa materialização do pensamento em palavras, ou dito de outro modo, a transição do pensamento para a linguagem não ocorre como uma simples transposição, mas consiste em “um processo sumamente complexo de decomposição do pensamento e sua recriação em palavras” (2001, p. 478). Isso significa ainda que, para Vigotski, o pensamento não se exprime em palavras, mas nelas se realiza, contando para isso com algumas mediações, a exemplo dos signos, significados e da própria palavra escrita, merecedora de uma investigação científica.

O quadro, por ora apresentado, expressa a complexidade que envolve todo o processo de articulação da linguagem até sua manifestação através das palavras, que passam ainda por um processo de registro que vai ser desvendado pela criança através da leitura e escrita. No entanto, como vimos constatando, até o desembocar na leitura e escrita existe todo o processo de desenvolvimento da linguagem que necessita ser compreendido por aqueles que trabalham com a aprendizagem da *lectoescrita*, posto que, a linguagem, influencia sobremaneira no indivíduo o entendimento e o domínio do código escrito e falado.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VIGOTSKI, L. S, LURIA, A. R e LEONTIEV, A. N. . **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

VIGOTSKI, L. S.. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEISZ, Telma. Prefácio. In: FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.